

## GOIÂNIA, BRASÍLIA E BELO HORIZONTE: PAISAGENS SENSÍVEIS E IMAGENS CULTURAIS

**Profa. Dra. Valéria Cristina Pereira da Silva**

Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos sócio-Ambientais, Curso de pós-graduação em Geografia, Goiânia, Brasil  
[ypcsilva@hotmail.com](mailto:ypcsilva@hotmail.com)

**Msc. Givaldo Ferreira Corcinio Junior**

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, Doutorando, Curso de pós-graduação em História, Goiânia, Brasil  
[givaldo@gmail.com](mailto:givaldo@gmail.com)

### RESUMO

Muitas transformações ocorrem no mundo urbano a partir de mudanças estéticas, culturais e atitudinais que inovam nos artefatos urbanos, seus usos, no modo de sentir e se relacionar com tais estruturas. As cidades de Goiânia, Brasília e Belo Horizonte foram capitais planejadas e, atualmente, já acumulam temporalidades e constituem-se em metrópoles contemporâneas, nas quais buscamos analisar o rompimento com a imagem predominante da modernidade e a incorporação nas suas paisagens da cena pós-moderna. O foco dessa pesquisa consistiu em compreender as paisagens culturais dessas cidades e sua relação com o imaginário. As cidades, à medida que adensam a temporalidade, apresentam mais transformações no âmbito cultural e identitário. Goiânia, Brasília e Belo Horizonte, porém, rompem com o estigma do “eternamente novo” da modernidade, ao consolidar seus patrimônios tombados e a constituição da memória urbana no espaço. Como novas metrópoles, em suas paisagens emergem novas práticas, novos espaços culturais, novos modos sensíveis de se relacionar com a cidade e novos lugares que abrigam sujeitos plurais cada vez mais ávidos de uma paisagem cultural.

**Palavras-chave:** Imaginário; Brasil; Metrópoles Contemporâneas; Cena Urbana; Temporalidade.

### GOIÂNIA, BRASÍLIA AND BELO HORIZONTE: SENSITIVE VIEWS AND CULTURAL IMAGES

### ABSTRACT

Transformations are happening all the time in the urban world that affect aesthetics and culture. Changes of behavior in a society lead to innovations in urban landscapes and artifacts, as well as their uses and the ways of feeling and relating to them. Goiania, Brasilia and Belo Horizonte were planned to be the seats of their state governments. Now, they accumulate effects of the passage of time on top of their original plan, and became contemporary metropolises. We seek to examine how these cities break with the predominant image of modernity and constitute post-modern landscapes. The focus of this research consists in understanding the cultural landscapes of these cities and their relationship to the imaginary. As they transform through the passage of time, these cities present cultural changes that pertain to their identities. Goiânia, Brasília and Belo Horizonte break with the modern idea of the eternally new by consolidating their heritage through the establishment of urban memory in the physical space. These new metropolises, with their own practices arising from their landscapes, cultural spaces, and new modes of engaging with the cities, shelter a growing number of residents avid for an urban cultural landscape.

**Keywords:** Brazil; Contemporary Metropolis; Imaginary; Metropolises; Sensitivity; Urban Landscape.

## INTRODUÇÃO

Belo Horizonte é vista como uma cidade de ruínas vivas. Goiânia uma metrópole sertaneja e Brasília uma cidade musical. Esses adjetivos não são apenas emblemas, fazem parte de um amplo leque do imaginário urbano que essas cidades detêm.

Pensar as cidades exige imaginação constante. Seguindo a filosofia de G. Bachelard (1993), pode-se conceber as paisagens urbanas como operadoras de sonhos e considerar que estamos em um momento de emergência simbólica, no qual a palavra cultura parece ocupar um lugar de destaque até mesmo em áreas estratégicas. Começa a surgir de maneira mais efetiva a ideia de cidadania cultural, conforme denomina Bonduki (2010). Belo Horizonte, por exemplo, transformou todo o seu centro histórico, com funções administrativas, em espaços culturais, tais como museus, casas de espetáculos, bibliotecas, galerias de arte, teatros entre outros, ou seja, um centro histórico e cultural por excelência.

Goiânia, Brasília e Belo Horizonte surgiram para abrigar um contingente populacional de aproximadamente 50 mil habitantes e hoje possuem mais de um milhão de habitantes cada uma delas. São cidades que se expandiram quantitativamente, fraturaram seus tecidos e resultaram na proliferação de diversos problemas sociais, pois na experiência brasileira, o traço definitivo da cidade herdada da modernidade é o terreno vago, a descontinuidade e o intervalo. De acordo com Peixoto (2003, p.393), tal fragmentação é reveladora das marcas da exploração e da desigualdade. Contudo, mesmo enquanto espaço de contradições, a metrópole atual é o local da cultura, o espaço privilegiado do imaginário.

As mudanças que ocorreram na vida urbana dessas cidades, desde os primeiros anos de implantação, são visíveis e reconhecidas, porém, na primeira década do século XXI afloraram de forma mais efetiva paisagens que delineiam a cidade depois da modernidade. De acordo com Zukin (2000), nenhum critério claro, exato separa as cidades modernas das pós-modernas, contudo, dentre os traços mais marcantes que caracterizam a cidade contemporânea, podemos sublinhar o alastramento da vida urbana e a dispersão da forma cidade pelos mais vastos territórios na escala global, nas áreas metropolitanas, sobretudo, o gigantismo da mancha urbana e a percepção da cidade tentacular tornam-se referências cotidianas, tanto para quem habita a cidade como para quem a estuda. Koolhaas (2014, p. 31) questiona se a cidade contemporânea será como o aeroporto contemporâneo, igual a todos os outros. Entretanto, em contra-tendência à homogeneização, as novas paisagens urbanas que estão emergindo no cenário internacional comportam imagens múltiplas, uma retomada do singular na qual as novas paisagens buscam uma identidade visual a partir da heterogeneidade da cena urbana. Arantes (2012) apresenta essa cidade que começa a emergir com formas e imagens singulares, faz a crítica contundente a esses processos aos quais denomina de renda da forma, para o autor, quanto mais polimorfo, retorcido, desconstruído ou liquefeito for o edifício arquitetônico<sup>1</sup>, maior o seu sucesso de público e o seu valor como imagem.

As inspirações vêm do cinema, dos mitos, dos romances de todas as fontes do imaginário Arantes (2010). Tais imagens tornam-se o traço mais marcante da paisagem urbana, que rompe com as características da modernidade. Consiglieri (2007), do mesmo modo, delineia a inventividade e os conteúdos de tais transformações contemporâneas, para as quais a estrutura intelectual dos desenhos e das imagens que partem da racionalidade são abandonadas em função da área da sensibilidade, da emoção e das sensações (CONSIGLIERI, 2007, p.22). Corroborando com essa concepção da cidade como campo do sensível e do emocional, Cullen (2006) afirma que o impacto visual da cidade deve ser um gerador de bem estar e felicidade, pois, a cidade torna-se visível no sentido mais profundo; podendo provocar lembranças e proporcionar um vasto conjunto de experiências que atingem a emoção. Desse modo, a questão fundamental que investigamos é: como as nossas cidades planejadas (Belo Horizonte, Goiânia e Brasília) que hoje já se tornaram metrópoles estão recebendo esse movimento, ou seja, transformando-se em metrópoles culturais? Além desse processo de estetização da paisagem e

<sup>1</sup> Os adjetivos que qualificam os artefatos da arquitetura contemporânea, tais como: retorcido, desconstruído, liquefeito são utilizados por Arantes (2012) referindo-se as obras de, Christian de Portzamparc e, principalmente, Frank Gehry autor do Guggenheim de Bilbao, o edifício é um monumental exemplar do que podemos chamar de formas fluídas: composto de impressionantes dobras esvoaçantes, são revestidas de titânio que dão leveza e brilho ao gigantesco e espetacular edifício.

de transformação da cidade em imagem; em segundo lugar, as políticas de patrimônio e o debate sobre a memória urbana, que também ocorre no Brasil, com avanço nas últimas décadas, consistem nos principais elementos de arrefecimento da modernidade na paisagem urbana.

Preservar o passado é modificar radicalmente a consciência com a qual tais cidades foram criadas: “a tentativa de superar o passado, sobretudo, o nosso passado colonial”, na qual Brasília fora a expressão mais icônica, não tem o menor sentido numa consciência preservacionista.

Em terceiro lugar, vêm os diversos movimentos culturais promovidos por distintos grupos: as já conhecidas tribos urbanas (punks, emos, hippes, etc.) e as novas “confrarias” estéticas-ucrônicas-midiáticas (revivalistas, steampunks, cosplayers, neo-medievalistas, vintages, rockabilies, etc.) e ainda os grupos tradicionais da cultura popular, os grupos envolvidos com arte urbana e tantos outros que reivindicam seu lugar na metrópole. Com os usos que fazem dos espaços urbanos, eles compõem uma *mise-en-scène* na paisagem contemporânea. Tal conjuntura vem, cada vez mais, demandando a releitura da metrópole como lócus privilegiado dessa metamorfose pois o “novo” não é mais necessariamente moderno, como definiu Arantes (2001).

Referências de uma cidade imaginária, cultural, sensível – no sentido em que afeta a percepção - afloram na metrópole contemporânea.

Parte das forças responsáveis pela constituição das novas paisagens urbanas vem da arquitetura, das artes, do urbanismo, das tecnologias digitais; mas também de grupos diversos que atuam diretamente no espaço urbano em muitos movimentos e ações que têm-se voltado como um empuxe para o imaginário, o fantástico e o emocional – no sentido em que rompe com a razão moderna – e instalam a surpresa, o aguçar dos sentidos; sobretudo, as diversas formas de arte urbana. Assim, esta investigação consiste em um estudo das transformações na paisagem de Brasília, Goiânia e Belo Horizonte, buscando delinear a emergência pós-moderna e contemporânea nestes espaços urbanos e identificar o papel cultural que elas exercem. A transformação de cidades planejadas em metrópoles contemporâneas, na história recente, dessas cidades, assinala já uma mudança no modo de vida que se acentua de várias maneiras nas últimas décadas. Novas mudanças advindas de vários outros processos, por exemplo, da pluralização dos espaços culturais, implantação de políticas e a geração de novas mentalidades, que levam a novas práticas usos e apropriações, as quais resultaram em novas sensibilidades na paisagem, capazes de gerar também outros significados.

### **CIDADES PLANEJADAS: PAISAGENS SENSÍVEIS EM CONSTRUÇÃO**

As cidades planejadas surgem como a emergência de uma construção urbana total e simultânea no espaço, entretanto, a partir daí apenas iniciam sua história provocando um impacto intelectual e perceptivo, conformando um espaço sinuoso quanto à identidade e ao universo simbólico que elas engendram.

A compreensão de uma cidade liga-se aos significados que são elaborados socialmente no tempo, assim, os marcos urbanos têm uma profunda relação com a história que se desdobra, com a passagem do tempo e com os acontecimentos. De acordo com Cullen (2006), existe uma verdadeira *arte do relacionamento* dos habitantes de uma cidade para com a sua paisagem, a sua ambiência:

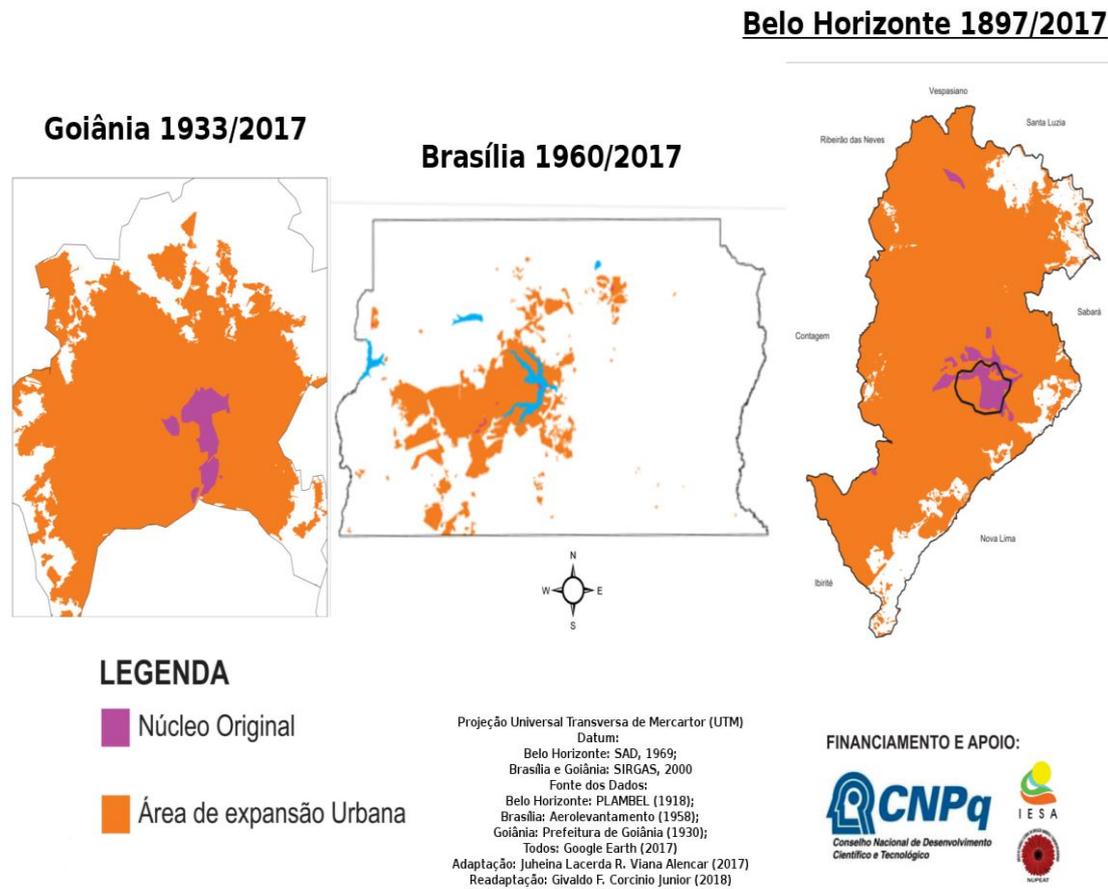
Imagine-se o percurso de um transeunte a atravessar uma cidade. Uma rua em linha recta (sic) desembocando num pátio e saindo deste outra rua que a seguir a uma curva, desemboca num monumento. [...] siga-se o percurso: o primeiro ponto de vista é a rua; a seguir, ao entrar no pátio, surge novo ponto de vista, que se mantém durante a travessia na segunda rua, porém, depare-se uma imagem completamente diferente; e, finalmente, a seguir à curva, surge bruscamente o monumento. Por outras palavras, embora o transeunte possa atravessar a cidade a passo uniforme, a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas. (CULLEN, 2006, p. 11).

Nesta perspectiva contemporânea, a intenção é compreender como os elementos da cidade manifesto na sensibilidade da paisagem possibilitam as pessoas uma experiência que vai da percepção à emoção.

Goiânia, Brasília e Belo Horizonte reúnem transformações na paisagem que modificam os sentidos a partir da criação e ampliação de novos espaços culturais, sujeitos e práticas. Abordar a sensibilidade urbana é sobretudo delinear e relacionar as dimensões estéticas, culturais e imaginárias da cidade. As três cidades, que hoje são espaços metropolitanos, têm histórias distintas nas suas formações, embora, no contexto de suas fundações, os discursos assemelhem-se enquanto criação política e ideológica: a construção de novas capitais modernas em detrimento das antigas capitais, no caso de Goiânia, da Cidade de Goiás, no de Belo Horizonte, e a histórica Ouro Preto.

Em Brasília, que veio a ocupar o lugar do Rio de Janeiro como capital federal, preponderou o discurso do abandono do passado colonial, conforme Holston (2010). Além disso, esteve presente também o discurso geopolítico de transferência da capital, mas é importante lembrar que na década de 1950 o Rio de Janeiro já era uma metrópole que sofrera inúmeras reformas e transformações ao longo do tempo, ou seja, já se constituía numa metrópole moderna. Dada a particularidade da formação de cada capital, por nós estudada, mesmo tendo elas projetos diferenciados, agentes distintos e temporalidades diferenciadas, existem entre si citações, discursos, e atualmente, processos políticos-culturais semelhantes no sentido da transformação de suas paisagens. Belo Horizonte foi fundada em 1897, já contando com uma temporalidade significativa no contexto brasileiro. Goiânia, por sua vez, teve sua pedra fundamental lançada em 1933. Já Brasília teve a sua inauguração em 1960, recente, com pouco mais de meio século, como revelam os mapas (Figura 1). Nessas cidades novas é surpreendente o modo como se expandiram:

**Figura 1** – Mapas ocupação urbana contraste entre o núcleo inicial e a expansão.



**Org** – Juheina Lacerda Viana Alencar e Givaldo Ferreira Corcinio Jr., 2018.

As três cidades, porém, já contam com patrimônios tombados, inclusive Brasília:

Brasília é hoje preservada por muitas esferas legais. O que é tombado é o conceito urbano original do projeto de Costa (1957), o Plano Piloto, mas não os bairros do Lago nem as periferias. De fato Brasília nasceu preservada [...] em 1987, Brasília recebeu uma inédita proteção internacional como resultado de uma intensa campanha brasileira: a Unesco garantiu sua preservação ao inscrever o Plano Piloto (inclusive os bairros do Lago) na sua Lista do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. É a maior área urbana do mundo e a única cidade viva contemporânea tão preservada. (HOLSTON, 1993, p v).

Brasília foi protegida por três esferas legais, assim, as diversas áreas, acabam por serem protegidas por diferentes órgãos das três esferas: a Unesco, o IPHAN e a Secretária de Habitação Regularização de Desenvolvimento Urbano – a esfera local no âmbito do Distrito Federal. Belo Horizonte e Goiânia, por sua vez, não tiveram todo o tecido dos seus núcleos originais tombados, como o plano piloto em Brasília, mas sim edifícios isolados. No caso de Goiânia, principalmente, aqueles ligados ao Art Déco, estilo arquitetônico vindo de Paris, como vanguarda artística da década de 1920. Em Belo Horizonte, também não há um tombamento total do núcleo original, porém, Belo Horizonte, com 120 anos hoje, evidencia várias transformações no seu espaço e, ao longo da última década, mudanças de ordem cultural, como a transformação do centro administrativo na Praça da Liberdade em centro histórico e cultural. Esta mudança consiste numa significativa criação de espaços ligados às atividades culturais, pois, as atividades administrativas que tinham lugar no conjunto de prédios da Praça da Liberdade (Figuras 2 e 3) foram deslocadas para uma nova região – “a cidade administrativa” e o local foi transformado em museus, bibliotecas, casas de cultura, teatros, centros de memória, entre outros espaços culturais. Tal transformação, de caráter essencialmente cultural passou a democratizar o acesso aos bens culturais e simbólicos para uma maior camada da população.

Aquilo para mim é um avanço. Expandiu o eixo norte e mais importante: Os casarões lindos. Aquele eram casarões, ali havia o Palácio da Liberdade, inicialmente, e ali moravam os altos cargos do governo. Depois aquelas áreas tornaram-se secretárias. Aquilo tudo era fechado e as pessoas nem sabiam que existiam. Olha que beleza, agora está cheio de espaços culturais. Tem uma contrapartida social: as escolas têm que visitar, podem visitar. Então tem vários projetos. Agora é época de escola, se você for durante a semana está cheio de ônibus de escola, é ônibus atrás de ônibus de escola parando. Você dá um outro movimento para aquela área. Antes a área era ocupada por um determinado grupo que mora por ali, que caminha, apenas por grupos do entorno. Hoje, sujeitos de outras áreas chegam ali. É uma área que conjuga uma série de referências culturais no mesmo lugar. Belo Horizonte é uma cidade muito elitizada e quando se faz isso você amplia-se o acesso. Desde a década de 1990 esse é um movimento que vem sendo batalhado pelo poder público, mas nunca a gente tinha tido um movimento como o da Praça da Liberdade (Informação Verbal)<sup>2</sup>.

Belo Horizonte é a cidade que mais impressiona pela quantidade de museus e centros culturais espalhados pela cidade, em comparação com Goiânia e Brasília. Em Goiânia e Brasília, esse processo de transformar o uso dos espaços tombados, com funções totalmente culturais, tais como casas de cultura, lazer e conhecimento, ou seja, a formação de um circuito cultural, ainda não ocorreu, embora as entrevistas<sup>3</sup> realizadas nesta investigação apontem que tais projetos

<sup>2</sup> Entrevista com Valéria de Oliveira Roque Ascenção, concedida a Valéria Cristina Pereira da Silva e Givaldo Corcinio Junior em Belo Horizonte em 16 de março de 2016.

<sup>3</sup> Foram realizadas 12 entrevistas no desenvolvimento da pesquisa. Em Belo Horizonte os entrevistados foram: Ivete Lara Camargos Walty; 2) Cássio Eduardo Viana Hissa; 3) Valéria de Oliveira Roque Ascenção; 4) Valéria Aparecida de Souza Machado. Em Brasília: 1) Marina Silveira de Melo, 2) Everaldo Batista da Costa, 3) Rogério da Silva Lima. Em Goiânia: 1) Eguimar Felício Chaveiro, 2) Alberto Tolentino de Oliveira; 3) Gilberto Mendonça Teles; 4) Bento Alves Araújo Jaime Fleury Curado; 5) Márcia Metran de Mello. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro com 27 itens, através do qual o diálogo se desdobrava e cada entrevista geral, aproximadamente, duas horas de gravação.

existam tanto em Goiânia, envolvendo a Praça Cívica, quanto em Brasília, no Eixo Monumental. As novas paisagens, desse modo, estão muito mais vinculadas à ressignificação da memória urbana e sua transformação em espaços culturais do que propriamente à construção de novos espaços, embora essa emergência também ocorra.

**Figura 2** – Antiga sede de secretária estadual transformada em museu na Praça da Liberdade, Belo Horizonte.



**Foto** – Valéria Cristina Pereira da Silva. Belo Horizonte, 2015.

**Figura 3** – Fonte na Praça da Liberdade, Belo Horizonte.



**Foto** – Valéria Cristina Pereira da Silva. Belo Horizonte, 2015.

Em 2013 foi inaugurada a Vila Cultural Cora Coralina, na área central de Goiânia. Recebendo o nome da renomada poetisa goiana, consiste num espaço simbólico destinado a exposições artísticas e a contemplação de obras diversas relacionadas à cultura local. Sua inauguração fez parte das festividades dos 80 anos de Goiânia e em homenagem a essa data iniciou-se uma interessante exposição que apresentava a história da cidade, com imagens e textos de interface digital interativa, semelhante àquela apresentada no Museu da Língua Portuguesa em São Paulo, assim como, uma série de documentos, livros e cartões-postais relativos aos primeiros anos da cidade. (Figuras 4 e 5).

**Figura 4** – Vila Cultural, Goiânia, quando da inauguração da Exposição Goiânia 80 anos.



**Foto** – Valéria Cristina Pereira da Silva. Goiânia, 2013.

**Figura 5** – Vista externa da Vila Cultural Cora Coralina em Goiânia.



**Foto** – Valéria Cristina Pereira da Silva. Goiânia, 2018.

A Vila Cultural Cora Coralina realiza um bom circuito de exposições de temas gerais e, sobretudo, da cultura local. Construída nas imediações do Teatro Goiânia, sua edificação é subterrânea, sendo marcada acima por um conjunto de luminárias que dão outra visualidade ao local. O mapa cultural de Goiânia ganhou mais um ponto no qual o pretérito e o futuro estão entrelaçados pois trata-se de espaços que reúnem *linkagens* temporais, não apenas por apresentar exposições sobre a memória da cidade, o Art Déco, a religiosidade e tantos outros temas, mas também porque a sua construção foi harmônica com o entorno, ficando uma composição adequada e agradável com o Teatro Goiânia, um dos mais importantes monumentos Art Déco<sup>4</sup> da cidade.

<sup>4</sup> Estilo Arquitetônico vindo de Paris como vanguarda artística da década de 1920.

### **PAISAGENS DESAPARECIDAS, ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS**

As transformações ocorridas em Goiânia nem sempre favorecem a manutenção de espaços culturais ou simbólicos. Muitas transformações no sentido da perda de locais significativos, por vezes, quantitativamente, superam a criação de novas paisagens. Por exemplo, a destruição da Praça do Relógio (Figura 6) e a derrubada dos flamboyants na Avenida Goiás, esta última, mais recente. Essas mudanças ocorreram, principalmente, para adaptar a paisagem à malha viária, entretanto, essas modificações não trouxeram melhorias efetivas para o transporte coletivo, sendo sempre pensadas para ampliar o fluxo do transporte individual automobilístico. O local onde existia a praça do relógio tornou-se um mero cruzamento. Destituiu-se, assim, o local de identidade e imaginabilidade, conforme Lynch (1997), ou seja, a potencialidade visual de uma paisagem capaz de conferir valores estéticos e afetivos aos seus habitantes, visitantes e observadores foi perdida.

A criação da Vila Cultural fora vista como importante para a cidade, um significativo espaço cultural, contudo, a revitalização da Praça Cívica finalizada em 2015 (Figura 7) em Goiânia, não provocou a ocupação da Praça pela população de maneira efetiva, necessitando de outras políticas culturais no local. Embora a Praça Cívica seja considerada também uma paisagem simbólica para a Goiânia e de relevante importância no imaginário social, ela permanece a maior parte do tempo vazia. Já antes da revitalização, a Praça Cívica tinha apenas a função de estacionamento para automóveis e era ocupada, regularmente, uma vez por ano, quando o poder público instala a Vila do Papai no Noel no período natalino. A praça deixou de ser um grande estacionamento, mas continua sendo ocupada apenas no final do ano, do mesmo modo.

**Figura 6** – Praça do Relógio em Goiânia (antes da demolição).



**Foto** – Givaldo Corcinio Jr. Goiânia, 2015.

Ainda que um espaço seja simbólico, observa-se que para ser ocupado, ele, necessita de atividades culturais que convidem e incentivem a população. Um exemplo, em Goiânia, é o tradicional evento do Choro em frente ao Grande Hotel, na Avenida Goiás. A partir do programa “O Grande Hotel Vive o Choro” e como parte de uma política pública, o evento tem um público considerável e fecha a avenida às sextas-feiras para a sua realização. Esse edifício *Art Déco* faz parte do patrimônio tombado de Goiânia, tendo sido o primeiro hotel da cidade, no qual se hospedou importantes visitantes no início da implantação de Goiânia, dentre eles o antropólogo francês Levy Strauss, na década de 1930, cujas impressões do Grande Hotel e da própria cidade estão registradas na célebre obra *Os Tristes Trópicos*.

As novas sociabilidades no espaço público ocorrem mediante eventos, principalmente atividades de cultura e lazer. Nesse aspecto, os parques urbanos tanto em Goiânia, quanto em Brasília e Belo Horizonte são muito utilizados pela população. Sua ocupação se dá por diversos segmentos

sociais, de famílias que vêm da periferia para fazer um piquenique ou mesmo uma comemoração, por exemplo, aniversários, chás de bebês e encontro entre amigos Além disso, diversos grupos artísticos e jovens fazem performances com tecido acrobático e com *slackline*. Há também moradores do entorno que utilizam esses espaços para caminhadas e passeios com os animais domésticos. Os eventos são diversos, shows e manifestações culturais das mais variadas. Nessas cidades os parques são os espaços públicos mais utilizados pela população.

As décadas de 1980 e 1990 consistiram no apogeu do uso dos espaços privados em detrimento do espaço público, quando os shoppings centers tornaram-se o grande atrativo. Nas primeiras décadas do século XXI, os espaços públicos voltam a ser ocupados em função das atividades culturais e de políticas públicas. Os shoppings centers, contudo, continuam a se proliferar na cidade. Em 2013 foi inaugurado o shopping Passeio das Águas em Goiânia. Do ponto de vista da imagem, consiste numa inovação com seu formato de borboleta (Figura 8) e cria também uma paisagem nova em Goiânia, rompe com as imagens modernas características da cidade e traz paisagens sensíveis. Com forte impacto visual, esse espaço é repleto de cores, imagens digitais, desenhos e atrativos sensitivos tanto interno, quanto externo. Contudo, o empreendimento do shopping não conseguiu romper o modo com o qual, ao longo da modernidade tratou-se o meio ambiente, pois, nas cidades brasileiras, essas construções relacionam-se com a natureza de forma não harmônica. Como outros shoppings nas cidades brasileiras e em Goiânia, ele foi construído sobre uma área de cursos d'água, não a integrando na paisagem, fazendo desaparecer o Córrego Caveirinha. Projetado pelo grupo empresarial português Sonae, o empreendimento gerou tanto um impacto ambiental, quanto a transformação visual da paisagem.

**Figura 7** – Praça Cívica em Goiânia. Após a revitalização continua vazia na maior parte do tempo.



**Foto** – Valéria Cristina Pereira da Silva. Goiânia, 2018.

Hoje, duas imagens impressionam na vista área de Goiânia: os traçados das avenidas que saem da Praça Cívica e formam um desenho esplendoroso, o que, no imaginário social, ficou conhecido como a imagem de Nossa Senhora Aparecida<sup>5</sup> e, agora, a imensa borboleta do shopping Passeio das Águas pousada na paisagem.

<sup>5</sup>Sobre a imagem de Nossa Senhora Aparecida no traçado de Goiânia, cf. Mello, M. M. Goiânia cidade de Pedras e de Palavras, 2006.

**Figura 8** – Shopping Passeio das Águas, em Goiânia. Vista aérea durante a construção.



Fonte – <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=679616>. Acesso em 21 de março 2015.

Somam-se na paisagem formas e temporalidades. Goiânia é marcada pelo *Art Déco* dos anos de 1930 com nuances no estilo que vão até os anos de 1960 e uma proliferação de novas formas modernas da década de 1960 em diante, inclusive os processos de verticalização que vão preenchendo áreas centrais e posteriormente, também, estende-se as áreas periféricas. A implantação deste shopping center acrescenta, do ponto de vista estético, uma certa leveza e fluuência à paisagem. A edificação cria uma ambiência imagética e revela-se mesmo como uma obra-imagem. Dos tradicionais leques de concreto de Goiânia passa-se as lúdicas curvas coloridas do Shopping Passeio das Águas. A cidade abre-se à sensibilidade contemporânea, trazida pelas formas arquitetônicas, pela virtualização dos comportamentos e pelos novos grupos culturais que emergem na metrópole.

### **PAISAGENS CONTEMPORÂNEAS E IMAGINÁRIO**

O imaginário da cidade envolve um grande conjunto de imagens das mais diferentes fontes, aquelas advindas da própria paisagem, da arquitetura e do urbanismo, dos cartões postais, do grande acervo simbólico de monumentos, mas também imagens advindas da imaginação dos cidadãos, das artes influenciadas pela vida urbana, da literatura, da música, da pintura e tantas outras fontes. Por exemplo: o papel da música no imaginário da cidade. A música Eduardo e Mônica, do compositor Renato Russo, em Brasília, ganhou um monumento no Parque da Cidade. O local tornou-se tão significativo, fazendo parte da identidade dos frequentadores que estes denominaram o local de Praça Eduardo e Mônica (Figura 9). Bastante utilizado pela população é ainda um local onde se realizam as mais diversas atividades. Além dessa homenagem, Renato Russo também recebeu um espaço cultural na Av. W-3 com seu nome. De certo modo, tudo que é significativo para os atores sociais vai formando imagens que aderem à paisagem urbana e geram novas sensibilidades.

A cidade tanto acumula sentidos como os transforma. Brasília é um exemplo de um grande acúmulo de imagens que nos permitem a captura, inclusive dos seus sentidos mitológicos. Andreotti (2016, p.62) apresenta o amplo espectro de significados simbólicos da capital, a começar pelo nome Brasília, que se vincula ao Brasil, referindo-se ao *Pau-Brasil* (árvore de resinas vermelhas) cuja raízes etimológicas portuguesas significam *brasa* e, assim, marca a importância que advém do ato de nomear:

A designação é uma apropriação da realidade externa que é interiorizada e incluída na esfera intelectual e espiritual do homem. A denominação não é a mera concessão de um sinal ou de uma cifra, mas, de acordo com Heidegger (1973, p. 131), é o ato de doação da palavra que “procura o ser para a coisa”, porque “nada é onde a palavra — que é o nome — está faltando”. Os nomes são dotados de virtudes representativas e comunicativas, capazes de estimular a imaginação. De alguma forma, eles sempre referem-se a uma representação mítica, ou seja, a um conjunto de crenças expressas pelo imaginário coletivo. (ANDREOTTI, 2016, P.62).

Assim, Brasília é uma brasa ardente em pleno planalto central, quando investigamos profundamente a significação do seu nome, e a partir daí a cidade é revestida de imagens míticas e novas significações à medida que desdobra sua temporalidade. Um exemplo é o mito de Dom Bosco para fundação de Brasília, comentado também por Holston (1993, p.23), que desde a metade do século XVIII, a ideia de transferir a capital do Brasil para o interior desabitado foi o sonho de muitos visionários. Coube ao italiano Dom Bosco a realização de uma profecia, que previra o surgimento de uma cidade em determinada localização geográfica, que coincide com Brasília da qual surgiria uma nova civilização. Silva (2010, p.234). “Para além de qualquer propósito político-econômico e simbólico, foi planejada e construída com a intenção consciente de se fazer dela uma obra de arte”. (ANDREOTTI, 2016, P.51). Brasília é perpetrada de sentimentos, do belo ao fantasmático, multiplicam-se imagens da capital nacional brasileira. Esse imaginário é trabalhado por Andreotti (2016) a partir das motivações mito-poéticas que levaram a construção e o posterior fascínio de Brasília. Apresenta a cidade sob a ótica da paisagem surreal, cujo charme a envolve e aprisiona. Mesmo imersa em sentimentos conflitantes, sendo amada e contestada, a cidade é revestida pelo toque do sublime, para a qual a realidade é uma paisagem que reúne o lírico, o natural, o metafísico, o poético e o simbólico.

Numa outra imagem, advinda da reflexão de Andreotti (2016), Brasília é vista pelos poetas Tom Jobim e Vinícius de Moraes como “uma flor desabrochada numa terra agreste e solitária”. Uma flor em brasa pelo sol brilhante e quente do Planalto Central, não nos admira pensá-la como a sarça ardente dos textos sagrados, conforme o vigorante redobramento de imagens-míticas que Brasília sempre suscita e revive. Sua paisagem favorece a cena, o cenário e os atores na sua atualização histórico-mitológica. Dizer que a paisagem é cena, seria reduzi-la em demasia. A cena é um arranjo no interior da paisagem, um recorte com uma vocação. Tal vocação pode, essencialmente, ser percebida como cultural.

De acordo com Peixoto (2003), as cidades são paisagens contemporâneas que correspondem a um horizonte saturado de inscrições, revestidas de traços da memória e do imaginário. Em Brasília, na visão do autor, ainda prevalece o vazio, embora a paisagem urbana, como nas demais metrópoles, ou seja um caleidoscópio.

A paisagem urbana contemporânea aparece como entrelaçamento de linguagens e converge na problemática da visão e na urgência *de ver o invisível*. Significa isso, o exercício e a qualidade do olhar do observador. Para Peixoto (2003, p. 17), o invisível não é algo que esteja além da nossa possibilidade de ver, transcendente, metafísico, mas simplesmente aquilo que não conseguimos ver, porque é preciso educar e preparar o olhar. Buscar as paisagens sensíveis nessas metrópoles saturadas de inscrições, de intenções, de gestos e mesmo de interpretações é de certo modo buscar esse invisível.

Goiânia, Brasília e Belo Horizonte têm-se modificado de muitas formas, mas essas novas sensibilidades vinculadas à cultura e à identidade não fazem parte dos grandes processos que removem paisagens e instalam novas formas, embora isso ocorra também aqui e acolá. Contudo, quando aproximamos a lupa, observamos uma miríade de pequenas mudanças que vão pontilhando a paisagem e alterando completamente o seu sentido. É bastante ilustrativa a fala de Ivete Lara Camargos Walty:

A cultura está se dando a conhecer por diversos grupos, com destaque para a produção cultural na periferia, das classes populares. Ampliou o acesso cultural de Belo Horizonte. Nas últimas duas décadas e, sobretudo, na última década a política colaborou para isso: há uma contaminação no bom sentido! A cidade teve que se abrir a uma população que era mantida no seu lugar [...] Você vai tendo uma transformação positiva, uma participação geográfica em busca de visibilidade. Quando eu fiz a minha primeira pesquisa sobre produção cultural da população de rua, a Dona Geralda que era coordenadora das ASMARE – “associação para o carnaval com materiais reciclados” disse: \_ “Nós fazemos o carnaval porque queremos visibilidade”. Essas pessoas começam a clamar por uma visibilidade. Paralelamente a isso, nesse jogo de visibilidade, nos tivemos a percepção do aumento de produções culturais na periferia [...] A cultura pipoca na cidade e a transforma. E quando você vê, ela já virou outra coisa. (Informação verbal)<sup>6</sup>.

Belo Horizonte guarda monumentos na paisagem. Esses monumentos referem-se ao poeta Carlos Drummond de Andrade, bem como a outros célebres passantes como os escritores Pedro Nava e Fernando Sabino. De certo modo, a memória urbana pode estar tanto ou melhor representada na literatura que nos bens denominados “patrimônio de pedra e cal”, pois, tanto em Goiânia quanto em Belo Horizonte muito da paisagem histórica desapareceu e mesmo as construções mais simbólicas sofreram muitas alterações, ainda que considerando a juventude dessas cidades.

**Figura 9** – Monumento à música “Eduardo e Mônica” no Parque da Cidade, Brasília.



**Foto** – Valéria Cristina Pereira da Silva. Brasília, 2016.

A literatura, a música e as artes, de modo geral, estão repletas de imagens que se referem à cidade, por exemplo, em Belo Horizonte, lugares emblemáticos tais como a rua Bahia e a rua Floresta estão presentes na obra de Carlos Drummond de Andrade e guardam, assim, uma memória, que faz parte da paisagem imaginária da cidade. Sejam obras ligadas aos poetas ou ainda à música, a cidade por outro lado, também lembra os seus célebres personagens e dão-lhes uma memória, uma localização, por exemplo, os bares boêmios que eram frequentados pelo grupo Clube da Esquina tornam-se hoje uma memória viva deste. Desse modo, a “Praça Eduardo e Mônica”, no Parque da Cidade em Brasília, pode ser comparada aos espaços culturais identitários em Belo Horizonte, nos quais. O mesmo ocorre com a música Eduardo e Mônica,

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Ivete Lara Walty a Valéria Cristina Pereira da Silva e Givaldo Corcinio Junior em Belo Horizonte em 14 de março de 2016.

onde a obra cita e amplia o imaginário local e, hoje, o lugar relembra a música de Renato Russo, em forma de monumento, numa espécie de duplicação do espaço simbólico.

Na metrópole a imagem urbana, a memória, a identidade e o imaginário estão associados à paisagem cultural e esta é composta pelas grandes imagens monumentais presentes no espaço, mas também pelos pequenos espaços, lugares criados com novos sentidos. Brasília tem novas paisagens e as transformações ocorrem, por vezes, em espaços menos visíveis, como o impressionante relato sobre o Açougue Cultural T-Bone<sup>7</sup> (Figura 10) com suas atividades de promoção da leitura e shows musicais, bem como a criação de lugares de cultura criados pelo povo, o uso cultural dos parques, com a apresentação de grupos musicais ao ar livre e várias outras atividades socioculturais e artísticas. Os espaços culturais mantidos pelo poder público não sofreram grandes transformações em Brasília, mas o surgimento de espaços inusitados como Açougue Cultural e outros como a Olaria Cultural, o Objeto Encontrado, por exemplo, criam circuitos novos, os quais alteram a imagem urbana, tanto quanto, ampliam a paisagem cultural. Em Belo Horizonte e Goiânia, esses espaços inusitados da cultura também pululam na paisagem como a Serralheria em Belo Horizonte (O local foi tombado em 1981 e restaurado em 1997, tornando-se um espaço para espetáculos, feiras e eventos). A Oficina Cultural Geppetto, em Goiânia, também corresponde a esses lugares que figuram como memoráveis na narrativa dos atores sociais. Tais metrópoles ainda contam com novos grupos, novos eventos vinculados às mídias, à cibercultura e mesmo à transculturalidade, que de acordo com Pitta (2004), corresponde às perspectivas diacrônica e sincrônica da passagem de correntes culturais, através dos séculos e de diferentes culturas num mesmo período.

Nessas cidades, sobretudo em Goiânia e Brasília, surgem o que chamamos de novas confrarias ucrônico-midiáticas. O tradicional conceito de *tribo urbana*, já não comporta significações existentes para compreender esses novos grupos que se organizam em torno de eventos diversos, como animês, steampunk, revivalistas, entre outros.

De acordo com Silva (2009), desde 1960 estudos começaram a ser desenvolvidos para compreender as “tribos” – termo antropológico advindo do estudo da cultura indígena para contrapor ao civilizado – e na cidade o termo tribo passa a caracterizar os diferentes grupos que ocupavam a metrópole identificados por vestimentas, símbolos, gestos, linguagens e lugares, as *tribos urbanas*. Embora esses elementos, em geral, permaneçam nos novos grupos, os seus sentidos ampliaram-se de tal forma que ultrapassaram as definições dadas inicialmente ao conceito de tribo urbana. São grupos fluidos que incorporam também outras temporalidades que não somente o presente, por isso a força da ideia de uchronia. Clarificando o conceito, a uchronia tem o sentido de uma espécie de “utopia” não de um lugar, mas de um tempo pretérito, no qual retira-se uma imagem ideal, um modo de vida e o recria no presente. Eles não criam um personagem somente, eles vivem um personagem, por vezes já popularizado, como no cosplay. E não há um lugar específico para essas confrarias, a metrópole as incorpora na sua paisagem cosmopolita e naturaliza o estranhamento tornando-o lúdico.

Esses grupos profundamente estéticos ligados a uma mentalidade midiática, tecnológica e fantástica organizam eventos independentes, bem como, movimentam uma economia ligada a cultura de games, filmes, revistas em quadrinhos (HQs e Mangás), além de literatura fantástica, produção e comercialização de indumentárias denominadas cosplay (Figura 11).

O que buscamos foi mostrar um panorama de Goiânia, Brasília e Belo Horizonte onde a paisagem cultural metropolitana incorpora novas sensibilidades e engendra transformações múltiplas em seus espaços, seja resignificando lugares da memória ou mesmo criando novos, seja incorporando novas temporalidades não mais somente lineares. Também cabe sublinhar a importância de dar visibilidade a esses processos, que são invisíveis para uma boa parte da sociedade, no sentido de ampliá-los, pois imprimem no espaço urbano novos convívios e uma série de benefícios que tornam a cidade menos árida, mais humana, lúdica e educativa.

---

<sup>7</sup> Entrevista com Rogério Silva Lima, realizada por Valéria Cristina Pereira da Silva e Givaldo Corcinio Jr em 9 de fevereiro de 2017, Brasília.

**Figura 10** – Açougue Cultural T- Bone, localizado na Asa Norte, Brasília.



**Foto** – Givaldo Corcinio Jr. Brasília, 2018.

**Figura 11** – Evento Anime Hai, ocorrido no Colégio Claretiano, Goiânia.



**Foto** – Givaldo Corcinio Jr. Goiânia, 2017.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos de uma experiência: tentar observar nas cidades o que não coaduna com as grandes tendências hegemônicas interpretativas e buscar, nessas cidades, indícios de emergências, rupturas, resistências e expressões de novos comportamentos correspondentes à ideia de paisagem cultural.

As grandes transformações modernas da paisagem ao longo da curta temporalidade dessas cidades (Belo Horizonte, Goiânia e Brasília) são muito importantes e devem ser consideradas. Porém, geralmente, tais transformações, são pouco visíveis ou sensíveis nas nossas cidades, porque não há rompimentos com as ideologias da modernidade. Os novos processos são, por

vezes, efêmeros e invisíveis, não estando diretamente vinculados às grandes transformações da produção do espaço, mas pululam no cotidiano, alteram paulatinamente o sentido das paisagens, através das práticas e das percepções. Assim, é preciso articular todos os sentidos para perceber, ver e sentir, porque buscamos aquelas mudanças que podem ser filigranas, mas que desdobradas semiótica e fenomenologicamente são significantes.

Outra ideia-força nesta reflexão é o universo de conexões que podem levar ao dinamismo criador do imaginário urbano. O aspecto da *linkagem* temporal começa a tecer o fio da memória nessas três metrópoles, cuja valorização do passado tem resultado em espaços culturais. A transformação da condição de produto, aquilo que pode ser substituído na cidade, à condição de patrimônio, muda o caráter e o sentido das próprias permanências nessas metrópoles. Tais paisagens urbanas admitem uma vocação cultural e imaginária em seus espaços. Belo Horizonte, por exemplo, a mais temporalizada das cidades investigadas, datada do final do século XIX, fundada em 1897, é a cidade que mais revela mudanças nesse sentido. O processo de associar a patrimonialização à refuncionalização cultural dos espaços, em Brasília e Goiânia ainda não tem o mesmo impacto na paisagem, do circuito cultural de Belo Horizonte. Entretanto, há sinalização da possibilidade dessa transformação, com Brasília e Goiânia seguindo o modelo de Belo Horizonte, o que alterará significativamente o conteúdo dessas paisagens e o seu uso.

As paisagens contemporâneas caminham perscrutando a natureza plural e intertextual da cultura, articulam imagens que afetam os nossos sentidos e aprofundam o imaginário. Contudo, é preciso perceber em cada contexto temporal, cultural e ambiental, as escalas e as identidades locais que necessitam ser consideradas.

No Brasil as paisagens mudam muito lentamente, em certo sentido no que se refere a mudança paradigmática, sobretudo, nas cidades planejadas. Mas, em outro sentido são efêmeras, pois há uma intensa desfiguração já que são criadas sob a égide do capitalismo e da modernidade, que encara a cidade como produto, com alto grau de racionalismo e alteração nas paisagens.

Durante muito tempo essas cidades primaram pela alteração dos artefatos urbanos de modo não qualitativo. É importante salientar também que Brasília, Goiânia e Belo Horizonte, embora tenham sido cidades planejadas sofreram sob as sinuosidades políticas e os interesses privados, concorrendo para expansões exacerbadas, segundo a lógica capitalista implantada no modelo brasileiro. Ou seja, os planos não foram suficientes para conter essa condição e contorná-la é um caso de imaginação, de ética, e de novos paradigmas. Por fim, destacamos a necessidade não apenas de ampliar, mas pluralizar as políticas culturais na cidade contemporânea. Por exemplo, quanto mais museus, melhor. Essa é uma tendência internacional. É preciso também conhecer e reconhecer a diversidade de atividades culturais regionais e incentivá-las, desde as mais recentes, como o movimento *cosplay*, até às tradicionais ligadas à memória e à cultura popular já enraizadas. Porém, tanto em Goiânia quanto em Brasília, as narrativas indicam que ainda necessita-se ampliar bastante os espaços e as atividades ligadas à cultura, ao conhecimento e às artes. Belo Horizonte e Goiânia são as cidades que, nas décadas anteriores, sofreram muitas modificações negativas com perda de paisagens simbólicas. Na mentalidade intelectual ainda predomina a ideia de que falar de cultura na cidade é priorizar uma discussão que favorece a uma classe já privilegiada. É justamente o contrário, é preciso revelar uma política cultural que democratize o acesso aos bens culturais e históricos e que diferentes grupos possam e devam ter acesso ao patrimônio, à arte, à cultura e a suas linguagens. Não dar acesso à cultura às populações mais carentes é empobrecê-las pela segunda vez e retirar-lhes a chance de vislumbrar outros horizontes.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho consiste em resultados finais do projeto intitulado “De cidades planejadas à metrópoles contemporâneas: novas sensibilidades urbanas e transformações na paisagem em Goiânia, Brasília e Belo Horizonte”, com financiamento do CNPq.

## REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, Giuliana. Brasília, capital de paixões antes que de poder. **Revista Presença Geográfica**, Porto Velho, v.3, n.1, p.50-75, 2016. Disponível em:

<http://www.periodicos.unir.br/index.php/RPGeo/article/viewFile/1634/1604>. Acesso em 05 de janeiro de 2019.

ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura na era digital-Financeira**: desenho, canteiro e renda da forma. São Paulo: Ed 34, 2012.

ARANTES, Otília. **Urbanismo em fim de linha**. São Paulo: Edusp, 2001

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque. **Entrevista concedida para Valéria Cristina Pereira da Silva e Givaldo Corcinio Junior**. Belo Horizonte. 16 de março de 2016.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BONDUKI, Nabil. **Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos**. Brasília: Iphan/Monumenta, 2010.

CONSIGLIERI, Victor. **As metáforas da arquitetura contemporânea**. Lisboa: Editorial Estampa, 2007.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 2006.

HOLSTON, James. **A Cidade Modernista: Uma Crítica De Brasília E Sua Utopia**. São Paulo: Cia Das Lestas, 1993.

KOOLHAAS, Rem. **Três Textos Sobre A Cidade**. Barcelona: Gustavo Gili, 2014.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MELLO, Márcia Metran de. **Goiânia: cidade de pedras e de palavras**. Goiânia: UFG, 2006.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

PITTA, Danielle Perin Rocha. Apresentação. In: CICLO DE ESTUDOS SOBRE O IMAGINÁRIO, 13., 2004., Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2004.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

<https://doi.org/10.7476/9788579830921>

SILVA, Wilma Regina Alves da. **Tribos urbanas, você e eu**. São Paulo: Paulinas, 2009.

WALTY, Ivete Lara Camargo. **Entrevista concedida para Valéria Cristina Pereira da Silva e Givaldo Corcinio Junior**. Belo Horizonte. 14 de março de 2016.

ZUKIN, Sharon. Paisagens Urbanas Pós-Modernas: Mapeando Cultura E Poder. In: ARANTES, Antônio A. (org.). **O Espaço Da Diferença**. Campinas, Sp: Papirus, 2000, Pp. 80-103.

---

Recebido em: 28/04/2018

Aceito para publicação em: 29/04/2019